

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

ANO VIII N° 85
EXEMPLAR GRATUITO



Brincando em cima daquilo

Em Cartaz
Jornal do Teatro
Aguinaldo Silva
Ana Kfoury
Bibi Ferreira
Cristina Pereira
Emílio Di Biasi
Letícia Spiller
Malu Galli
Mauro Mendonça
Talentos da Vez
Tônia Carrero

Débora Bloch faz seu
primeiro monólogo



Coleção os últimos 8 anos de teatro



Assine Aplauso!



Assinatura
semestral

R\$ 30

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2233-6648 e 2263-1372 ou
e-mail: danielbuquerque@aplauso.art.br

Coleção completa de Aplauso por R\$ 240!

www.aplauso.art.br

Segunda chance

“ No final da década de 70, durante a leitura das memórias da bailarina Isadora Duncan, tomei conhecimento primeiro de sua visita ao Brasil, segundo do seu encontro com o jornalista e escritor carioca João do Rio, que foi carinhosamente citado por ela em seu livro. Foi nesse instante que surgiu a primeira idéia, não para uma peça de teatro, mas para um romance: já que eu era apaixonado pelas duas figuras, por que não escrever sobre o improvável momento de suas vidas em que elas se cruzaram?

Tempos depois, ao ler uma biografia de João do Rio, tive acesso à outra informação preciosa. Isadora e o cronista não apenas se tornaram amigos durante a passagem da bailarina pelo Rio, como ele também lhe apresentou outra figura das artes brasileiras que se tornaria um ícone: o escritor Oswald de Andrade, com quem ela veio a ter um caso.

O projeto do romance até hoje não foi descartado. Já a idéia da peça de teatro surgiu em 1982, depois que Norma Bengell me pediu um texto que falasse da ‘condição feminina’. Norma & Isadora: foi um feliz encontro de grande sucesso, mas que infelizmente durou pouco.

Como se os deuses resolvessem me dar uma segunda chance, este encontro agora se repete – e em dobro: Bibi Ferreira & Isadora, Isadora & Letícia Spiller. *Isadora Duncan* estréia dia 26 de julho no Teatro Vanucci, aqui no Rio. E diante dessas Mulheres do Século só consigo lembrar muito vagamente que sou o autor do texto. Pois quero mesmo é vê-las no palco e me maravilhar diante delas. ”

Aguinaldo Silva, julho/agosto de 2007



Versão carioca

Esta é para os fãs do fenômeno *High School Musical*, maior sucesso da história do Disney Channel. Está em cartaz no Centro Cultural Suassuna, até 8 de agosto, a versão brasileira intitulada *Escola Musical*. Com direção e adaptação de Alessandro Dovalle, o musical traz no elenco 20 atores e bailarinos que apresentam canções originais e traduções para contar o romance *teen* entre Sofia (Gabriella Cavalcanti) e Tor (Ígor Pontes).

Nostalgia

O Centro Cultural Carioca, mesmo local onde nos anos 50 funcionava a lendária Dancing Eldorado, traz um espetáculo de dança, teatro, música e vídeo que retrata a mulher numa Praça Tiradentes em decadência. *Dancing Eldorado* tem roteiro construído a partir de depoimentos de ex-freqüentadores. Áurea Martins, cantora do Dancing Avenida, e Mestre Darcy da Cruz, que foi trompetista no Eldorado, estão entre os 11 músicos da orquestra que toca no musical.

O retorno

Três comédias de grande sucesso estão de novo em cartaz no Shopping da Gávea. Dia 27 de julho, Lilia Cabral retorna com *Divã*, de Martha Medeiros, no palco do Teatro Vanucci. Dia 2 de agosto é a vez de Jorge Fernando voltar ao Teatro das Artes com o seu *Boom*, de Luiz Carlos Góes. O monólogo *Minha mãe é uma peça*, autoria e interpretação de Paulo Gustavo, reestréia no Teatro dos Quatro dia 9. Diversão garantida.

Dose dupla

Denise Stoklos estréia no Oi Futuro dois novos espetáculos para comemorar seus 40 anos de carreira. E com uma novidade: a peça infanto-juvenil *Denise Stoklos em Teatro para Crianças*, com quadros vivos que ilustram cantigas de roda com partes do corpo. Já *Cantadas* traz performances-solo baseadas no encontro de corpo e voz. *Teatro para Crianças* acontece de 28 de julho a 30 de setembro. *Cantadas*, de 27 de julho a 30 de setembro.

Malu Galli

Mosaico de informações

Minha história com *Diálogos com Molly Bloom* começa na Espanha em 2005, onde fiz uma apresentação de *Conjugado*, dirigida por Christiane Jatahy. O José Sanchis Sinisterra assistiu, gostou do meu trabalho e me mostrou a peça. O tempo passou e comecei a buscar um projeto que me desse a oportunidade de dialogar em cena. Aí me veio a idéia de ter cinco diretores num mesmo espetáculo e me lembrei do texto do Sanchis. Liguei para ele, que na hora achou que eu estava maluca. Ele me disse que eu precisava de cinco diretores e um psiquiatra! Mas depois do susto inicial, gostou da idéia. Arrumou uma brecha na agenda e veio de Madri, onde mora, para me dirigir. Ele tinha que ser um destes cinco diretores, já que é o autor e dirigiu a primeira montagem da peça, na Espanha, em 1979. A partir daí comecei a pensar nos outros quatro nomes, cujo critério era afinidade e cumplicidade profissional.

Já trabalhei com a Christiane, a Cristina Moura e o Gilberto Gawronski duas vezes antes, eles também tinham que fazer parte



Malu está em cartaz no Teatro III do CCBB

do projeto. A escolha da Andréa Beltrão é que foi mais inusitada. Queria muito que uma atriz com as mesmas referências de palco e de geração me dirigisse. E a Andréa foi muito generosa nesse aspecto, me dando toques sobre os caminhos de atuação que faria se estivesse no meu lugar.

Fiquei com o compromisso de trazer as cinco direções em mim, esse mosaico de informações para processar, assimilar e afunilar. E tudo fez enorme diferença na minha atuação. Molly Bloom é comunicativa e atemporal, síntese de todas as mulheres do mundo. Numa noite de insônia ela repassa sua vida num fluxo de pensamento ao lado do marido, que dorme. E é o meu marido, o artista plástico Afonso Tostes, que fica deitado no cenário. Acaba sendo uma homenagem ao casamento – e um retrato da mais pura humanidade, com humor, tragédia e todos os ingredientes de um bom teatro.”

Um barco para o sonho



FOTOS: ANDRÉ WANDERLEY / DIVULGAÇÃO

Tônia Carrero, Mauro Mendonça e um romance inesperado

Nunca é tarde para amar. Assim se pode resumir a principal mensagem de *Um barco para o sonho*, texto comovido de Alexei Arbuzov, com tradução de Cécil Thiré e direção de Carlos Artur Thiré. Trata-se de uma improvável história de amor entre

dois personagens maduros que trazem uma bagagem emocional de fracassos, perdas e frustrações. Estrelada por Tônia Carrero e Mauro Mendonça, a peça, em cartaz até no Teatro Maison de France, tem emocionado plateias de todas as idades.

Lídia (Tônia Carrero) é uma ex-artista de circo. Dimitri (Mauro Mendonça) é médico. Ambos se conhecem quando Lídia se interna por um mês na clínica que Dimitri dirige e logo começa a quebrar a rotina local. Boêmia e irrequieta, ela foge do quarto pela janela para cantar no jardim ao luar. À primeira vista, há conflito entre os dois. Em seguida, uma relação médico-paciente. E, pouco a pouco, os opostos se atraem.

Dois leões

“O Dimitri é um homem fechado para o mundo, circunspeto e sério. Aos poucos, a Lídia, que é uma revolucionária, transforma este homem até que os dois se apaixonam. É um texto com muita classe, bom gosto e humanidade. Não tenho visto nada assim sobre amor na terceira idade”, conta Mauro Mendonça, que comemora atuar mais uma vez com Tônia. “Decidi ser ator depois de ver uma peça da Tônia com o Paulo Autran. Assim como a Lídia muda o Dimitri da água para o vinho, também mudo por causa dessa convivência com a Tônia, claro”.

Tônia admite algumas semelhanças com sua personagem. “Ela é muito engraçada e vê tudo sob o ponto de vista do humor. Também sou assim e esta é uma das características que mais admiro nas pessoas”, diz a grande dama do teatro, especialmente feliz por contracenar com Mauro. “Ele é muito doce e fácil de lidar, um cavalheiro. E tem uma voz admirável! Trabalhar com ele e com o Carlinhos é muito fácil, um prazer”. “Os dois são uma escalação perfeita. Hoje em dia é raro conseguir reunir dois leões no palco. Foi uma experiência arrebatadora para mim”, completa Carlos Artur Thiré.



Ponto de encontro

Um barco para o sonho é mais que uma peça. É o encontro de dois monstros sagrados do teatro brasileiro e também de três gerações de talentos da mesma família – Tônia, a protagonista; seu filho Cécil, o tradutor da peça; e seu neto Carlos, o diretor. “O trabalho nos aproximou. De 1999 a 2000 moramos juntos, mas somos mais próximos hoje que naquela época”, diz Carlos, que profissionalmente chamou atenção de sua avó ao escrever e dirigir o esquete de inauguração da Sala Tônia Carrero, no Teatro Leblon, em janeiro deste ano. “Quando o (produtor Marcus) Montenegro sugeriu o Carlinhos para dirigir, dei um pulo e disse ‘como não pensei nisso antes!’”, lembra Tônia. E quem for ao Maison de France assistir o espetáculo vai ainda encontrar no saguão duas grandes exposições: uma de fotos dos 51 anos de carreira de Mauro, outra de 12 figurinos de personagens de Tônia em 58 anos de carreira. “Os meus preferidos são os criados por Guilherme Guimarães. O Guigui fazia vestidos esplendorosos e até cenários”, elogia Tônia, que fez história por suas atuações e também pela indumentária de suas personagens.

Brincando, em cima daquilo

Débora Bloch faz seu primeiro monólogo.

Otávio Muller estréia na direção

Por Janaina Medeiros

Uma atriz, um mosaico de personagens e uma grande discussão sobre a condição feminina. Tudo com clima de descontração, improvisado e direito a canto e dança. Enfim, uma explosão de atuação e esforço físico de Débora Bloch, na sua primeira vez solo. Em *Brincando em cima daquilo* a atriz comemora 27 anos de carreira estreando em monólogos com o texto dos autores italianos Dario Fo e Franca Rame, dramaturgia de Amir Haddad e direção de Otávio Muller – também estreante na função, após 20 anos como ator. O resultado está em cartaz até 5 de agosto no Teatro dos Quatro, que abrigou a peça após o incêndio do Sergio Porto, onde estava programada para acontecer inicialmente.

A peça, com cinco monólogos, foi interpretada por Marília Pêra em 1984. Nesta nova

versão, tem apenas três monólogos como se fossem um só: *Temos todas a mesma história*, em que uma mulher trava um diálogo escatológico com uma boneca de pano; *Uma mulher sozinha*, sobre uma mulher trancada em casa pelo marido; e *Volta ao lar*, no qual mulher se vinga do marido e acaba no motel com o colega de escritório. Todas com uma certa dose de melancolia, mas muito humor na narrativa. “Fizemos uma montagem bem diferente. Os textos não são todos os mesmos, nem a concepção de direção ou as músicas”, conta Débora Bloch.

“O texto sofreu modificações com a dramaturgia de Amir Haddad. Não queríamos que acabasse um monólogo e começasse outro, como se fossem esquetes, mas sim que fosse um grande mosaico, para dar a impressão de ser uma mulher só. O público



FOTOS: LENISE PINHEIRO / DIVULGAÇÃO

>> não sabe se são várias personagens ou uma só. Tudo pode ser. E fica a dúvida”, continua Otávio Muller. “Tem muitos momentos de emoção. Mas quero que as pessoas se divirtam. Minha intenção é dar um clima de show e tirar o espectador deste esconderijo oculto que é a platéia, quebrar a quarta parede”.

Tanto Otávio quanto Débora assistiram à versão dos anos 80 e a lembrança da força do texto foi o que os motivou a encarar o desafio desta nova montagem. “Tinha planos de dirigir antes, mas não encontrava um texto absolutamente contemporâneo. *Estou* diretor, mas não sou diretor. Estou experimentando e, sobretudo, trabalhando em equipe”, enfatiza Otávio, que convidou a diretora Bia Lessa para assinar a cenografia. “Gosto mais de cenografias de ensaio que de espetáculos prontos. Só a Bia podia dar uma cara informal e, ao mesmo tempo, dinâmica. Ela dirigiu meu espetáculo de formatura da CAL, trabalhamos dez anos juntos e tenho muita confiança estética nela”, diz.

“Sempre achei o monólogo muito solitário, nunca pensei que fosse gostar de fazer um deles. O que me atraiu foram os personagens, a qualidade do texto, as histórias que estão sendo contadas, o assunto. O monólogo requer muita concentração, calma e relaxamento em cena. Tudo está na sua mão. E, principalmente, muito preparo físico, corpo e voz”, revela a atriz. “A Débora está num momento profissional muito especial e fez uma entrega muito bonita. Tudo é muito bem falado por ela”, comemora Otávio, que fez o convite à atriz nas gravações da minissérie *JK*, da TV Globo, em que contracenavam.



Rei, samba & funk

Débora Bloch toma conta do palco não só atuando. Ela também dança samba e funk e canta sucessos românticos.

A seleção de músicas, sugerida por ela e Otávio à Dany Roland, que assina a trilha, vai de Roberto e Erasmo Carlos a Tchutchucas e MC Catra, passando por Zeca Pagodinho e Seu Argemiro. “Essas músicas foram surgindo nos ensaios. Tudo tem a ver com as personagens e as histórias que elas contam. Improvisei o funk e o samba e acabei dançando também. É mais um comentário de atriz do que um número de dança”, diz Débora.

Clima de ensaio

Quem for ao Teatro dos Quatro terá a surpresa de ser recebido por Débora Bloch. O clima de ensaio e de informalidade surge já no início, com a atriz circulando pela platéia antes de o monólogo começar, mas está em todos os aspectos da peça. Sobretudo na cenografia, sugerida por Otávio Muller e concebida por Bia Lessa. Composto por cinco caixas de som espalhadas pelo palco, além de cordas divisórias que marcam o espaço de atuação, o cenário funciona perfeitamente à atuação de Debora sem roubar cena. “É quase um não-cenário. A idéia é que o palco fique nu. As caixas de som existem, pois a música neste espetáculo tem papel importante. Usamos pequenos recursos teatrais para poder brincar com a possibilidade cênica que o teatro oferece”, resume Bia Lessa.



De Marília à Debora

Tutta casa, letto e chiesa (“Toda casa, leito e igreja”) foi escrita em 1977 por Dario Fo e Franca Rame e é originalmente composta por 11 monólogos. Em 1984, Marília Pêra (ver *Cena Aberta*, última página) criou a versão em português encenando cinco esquetes: a mãe de um militante e dependente de drogas, a vítima de estupro, a operária deprimida, a mulher presa em casa e a mulher que conversa com uma boneca. Sob direção de Roberto Vignati, o sucesso de Marília rendeu Prêmio Molière de *Melhor Atriz* e temporada de 1984 a 1986. Ainda em 1986 foi a vez de Denise Stocklos, dirigida por Antonio Abujamra, encenar quatro dos monólogos sob outro título: *Um orgasmo adulto escapa do zoológico*.



ISADORA Duncan

Letícia Spiller
vive a bailarina.
A supervisão é
de Bibi Ferreira

Por Janaina Medeiros

Uma peça dentro de uma peça. O autor Aguinaldo Silva utiliza a metalinguagem para prestar uma homenagem à figura feminina e à cultura em *Isadora Duncan*, que depois de 24 anos volta em cartaz no Rio, no Teatro Vanucci, com estréia prevista para o dia 26 de julho. Sob supervisão geral de Bibi Ferreira e direção de Paulo Afonso de Lima, o espetáculo tem Letícia Spiller à frente do elenco – todos se revezam em dois papéis – e conta ainda com Oscar

Magrini, Marly Bueno, Anselmo Vasconcellos e Laura Proença.

Pioneira da dança moderna, a bailarina Isadora Duncan ficou conhecida por suas coreografias inspiradas na arte clássica grega e seu estilo marcante: foi a primeira a dançar descalça e com écharpes coloridas jogadas sobre os ombros. Além de ter revolucionado a arte, lutou pelos direitos femininos e tornou-se referência para mulheres contemporâneas. E esta história é o pano-de-fundo para o texto escrito em 1983, que teve uma primeira montagem antológica com Norma Bengell, no Teatro Nacional de Comédia.

Mas a peça *Isadora Duncan* não é uma mera biografia, já que por meio dela a trama discute a discriminação contra a mulher. O espetáculo conta a história de Aurora Bonfim (Letícia Spiller), uma atriz apaixonada por Isadora Duncan, que lê um texto teatral de Mauro Ribas (Anselmo Vasconcellos) sobre a bailarina e busca o produtor Ivan (Oscar Magrini) para viabilizar o projeto, mas esbarra na falta de apoio do governo. “A Aurora lembra o preço da integridade artística neste mundo tão banalizado”, diz Letícia Spiller.

Enquanto aguardam patrocínio, os personagens começam a ensaiar o texto, que mistura figuras míticas como João do Rio (também interpretado por Anselmo Vasconcellos) e Oswald de Andrade (Oscar Magrini), além da própria Isadora (Letícia Spiller). O encontro, que de fato aconteceu no Rio em 1916, serve como sub-trama. E, entre o que é *real* e o que se *ensaia*, surge o cerne da discussão

sobre a condição feminina. “É um texto muito inteligente, que relembra figuras precursoras e curiosas, como Isadora, João e Oswald, permitindo ao elenco se exibir de maneira muito interessante no palco”, elogia Bibi Ferreira.

“O espetáculo é muito bonito porque discute a liberdade de expressão. É a arte surgindo da própria vida, da maneira mais pungente”, define Letícia, que desde o nascimento de seu filho, há 10 anos, tem se dedicado a aulas semanais de balé. Agora, com a bailarina do Teatro Municipal Mônica Barbosa, tem feito outras duas aulas semanais para ensaiar a coreografia. “É uma homenagem à energia feminina presente em cada homem e em cada mulher. É o que nos move e nos transforma, faz tudo transmutar”, afirma a atriz.

Na ponte aérea

Bibi Ferreira seria a diretora do espetáculo, mas teve que optar pela supervisão geral por conta do caos aéreo. A crise dos controladores, que tem atrasado vôos e superlotado aeroportos, a impediu de conciliar *Isadora Duncan*, como diretora no Rio, e *Às Favas com os Escrúpulos*, em São Paulo. Bibi faz parte do elenco desta última, escrita por Juca de Oliveira e dirigida por Jô Soares, em cartaz desde maio no Teatro Raul Cortez. *Workaholic* e incansável, a dama do teatro está morando na capital paulista há dois meses e divide o palco com Juca de Oliveira, Adriane Galisteu, Daniel Warren e Neuza Maria Faro.



DESESPERADAS

Cristina Pereira lidera mulheres à beira de um ataque de nervos

Por Janaina Medeiros

Psiquiata enlouquece quando seu marido morre e uma filha que ele teve fora do casamento reivindica a herança. Então ela forja seu próprio assassinato para incriminar a adolescente, até que sua faxineira e duas pacientes-peruas começam a tomar parte da trama... É o que parece ser: uma comédia policial com inspiração nos quadrinhos e no cinema de suspense de Brian De Palma, com o molho dos filmes histriônicos de Pedro Almodóvar. *Desesperadas*, peça com texto e direção de Jô Bilac e estrelada por Cristina Pereira, está em cartaz em horário alternativo no Teatro Vanucci até 26 de agosto.

São quatro mulheres à beira de um ataque de nervos. Dra. Helda (Cristina Pereira), psicanalista de renome, planeja sua morte enquanto recebe a visita inesperada de Lídia (Tatynne Lauria) e Viviane (Renata Tobelem), duas dondocas idênticas que estão atormentadas com compras, cabeleireiros e outras futilidades. E Marlene (Lidiane Ribeiro) é a faxineira do consultório que, sem querer, se envolve no crime.

“A psiquiatra é uma mulher enlouquecida. Ela toma sonífero, é uma vilã atrapalhada e sem glamour. E a faxineira fica invocada porque o salário está atrasado e ela não pode comprar um i-Pod para o filho. Aí ela encontra o corpo da psiquiatra e o esconde atrás do biombo para começar a atender as pacientes e pegar o dinheiro da consulta”, revela Cristina Pereira. “O espetáculo é um verdadeiro quebra-cabeças em que o público vai tirando suas conclusões”, adianta a atriz.

Pontos de vista

A peça é resultado do esquete homônimo apresentado no último *Festival do Salão Carioca de Humor*, no Teatro Laura Alvim. O trabalho foi indicado nas categorias *Melhor Esquete* e *Melhor Roteiro*, e ganhou o prêmio de *Melhor Atriz* pela atuação de Lidiane Ribeiro. “Quando decidi transformar o texto em peça, desenvolvi a personagem da psiquiatra e acrescentei algumas situações. Com muitos clichês, dramalhões e climão de suspense”, conta Jô Bilac.

Para esta versão, Bilac montou a narrativa sob três pontos de vista: o da Dra. Helda, o de Lídia & Viviane, e o de Marlene. Para que a trama seja vista por três ângulos, os

elementos cênicos também mudam. Tudo com comentários em *off* de Zezé Motta, que costuram de forma bem-humorada as três versões do *thriller*. Para completar o clima *noir*, o cenário é em preto-e-branco e o figurino da psiquiatra é cinza, em contraste com os trajes vermelhos à la Almodóvar das pacientes-peruas. “A narração é quase radiofônica, criando expectativas e acentuando o mistério. Faço uma grande brincadeira com todas estas referências”, resume o jovem autor e diretor.



FOTOS: GUILHERME VIDAL / DIVULGAÇÃO

Troca de experiências

Longe dos palcos desde 2005, ano em que esteve à frente dos sucessos *Abalou Bangu* e *Por que você não disse que me amava?*, Cristina Pereira está feliz de voltar em meio a uma equipe de jovens talentos. Sobretudo Jô Bilac, que tem 23 anos e escreveu e dirigiu seis peças entre 2002 e 2007. “Acho muito boa essa troca de experiências com os mais jovens. Entre em contato com uma referência de humor de outra geração. E o humor tem que estar sempre em ebulição”, define a veterana atriz de comédias.



Sonho de uma noite de verão



Talentos da Vez monta versão pop do clássico de Shakespeare

Por Janaina Medeiros

Uma das peças de William Shakespeare mais encenadas no teatro e adaptadas para o cinema, *Sonho de uma noite de verão* encanta o público desde 1596, quando foi escrita e montada pela primeira vez. Por isso mesmo, nada mais contemporâneo do que apresentá-la sob uma releitura *pop* – e é esta a proposta do *Projeto Talentos da Vez*, que utiliza *hits* e

figurinos dos anos 80 para uma nova versão sob supervisão geral de Cininha de Paula, concepção de Claudia Ricart e direção de Christian Landi e Vivian Duarte. As apresentações acontecem dias 3 e 4 de agosto, no Galpão Aplauso, com entrada franca.

Duendes e fadas são interpretados pelos 250 alunos das oficinas de teatro, dança, circo e música do *Projeto Talentos da Vez*, com coordenação de Vinicius Lucena. E 17 deles se revezam nos dez personagens principais mantidos nesta adaptação. “É uma grande homenagem ao mundo do sonho, resgatando o lado lúdico e de brincadeira dos anos 80

que tanto fascina as pessoas até hoje. Daí a peça ser itinerante, com o público caminhando pelo cenário como se estivesse num túnel do tempo”, explica Christian Landi, que estreou no teatro em 1999 numa montagem da peça dirigida por Guta Stresser.

Poção mágica

Tudo começa quando o Duque Teseu (Lucas Parrini/ Anderson Soares) se prepara para casar com Hipólita (Ana Paula Viana/ Miriam Cesário). Hermia (Daniela Fontenelle/ Edyen Dandara) ama Lisandro (Thiago Pinto/ Daniel Paulino), mas está prometida a Demétrio (Alexandre Gonçalves/ John Gonçalves), que é perseguido incessantemente por Helena (Lívia Tainara/ Tatiane Conceição). Os quatro fogem para uma floresta povoada por sátiros, ninfas e outros seres encantados. Lá se encontram com Bobina (Clayton Peçanha/ Raphael Braga) e o duende Puck (Wallace Lima). Até que o Rei Oberon (Murilo Fontes), em pé de guerra com a Rainha Titânia (Tânia Lima), arma com Puck um plano ardiloso envolvendo uma poção mágica do amor. E dá tudo errado, provocando uma troca de casais.

“O sonho para mim é estar fazendo esta peça. Nunca tive uma oportunidade antes e





>>

agora me foi dado este voto de confiança que pretendo retribuir”, diz Tânia Lima, 20 anos. Wallace Lima, 21, tam-

bém encara o desafio de interpretar sozinho um personagem de destaque e rouba a cena: faz acrobacias aérea e solo, além de dançar, sapatear e andar de patins. Tudo com um figurino preto com bolinhas rosas. Mais pop é impossível! “É um privilégio conviver com dois elencos diferentes, é a primeira peça de grande porte que eu faço”, afirma. “Estamos fazendo com muito carinho e garra. Com uma preparação corporal muito intensa. E estou ansioso para ver o resultado”, confessa Murilo Fontes, 19 anos.

Atemporal

Em *Sonho de uma noite de verão* os duendes da floresta atrapalham a vida de alguns e salvam o amor de outros, uma grande

brincadeira inspirada nas lendas gregas. E a montagem do *Talentos da Vez* também brinca com o tempo e enfatiza o clima de festa. A trilha utiliza sucessos do Kid Abelha (*Pintura íntima*), Blitz (*A dois passos do paraíso*), Paralamas do Sucesso (*Meu erro*) e Rosana (*O amor e o poder*), regados a muito *new wave* e cores fluorescentes, num *revival* da música e estética de duas décadas atrás. “O grande desafio foi enxugar o texto sem alterá-lo. Só mudamos a referência de tempo no cenário, figurino e trilha, mexendo com o imaginário do público. Provando que Shakespeare é atemporal e pop”, afirma Christian Landi, que adaptou o texto com Claudia Ricart.



Ficha técnica

Direção Executiva: Ivonette Albuquerque

Cenário e figurino: Alex Oliveira

Assistência de Figurino: Ana Lu

Construção e Confeção de Cenário

e Figurino: Alunos da oficina de artes plásticas

Direção de Movimentos e Coreografias:

Márcio Vasconcellos e Lorena Wojitani

Coreografias e Técnicas Circenses:

Camila Moura e Tiago Merlindo

Direção Musical: Nathalia Dias

e Mestre Riko

Instrutores Artísticos: Andréa Lana, Ivar

Mangoni, Idalina Ribeiro, Michel Feliciano,

Cláudio de Barros, Rodrigo Garcez, Sérgio

Bastos, Patrícia Leitão, Gabriela Saboya,

Jorge Luis Cardoso, Simone Beghinni

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

A alma imoral

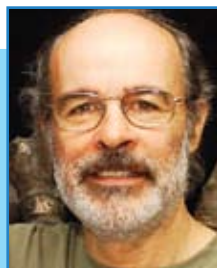
“A peça demonstra que o teatro não precisa de muito para acontecer. O que importa é fazer uma conexão direta com a alma do espectador.”

Dira Paes, atriz

Império

“Um espetáculo excelente, tanto na parte musical quanto em relação às vozes, além de ser uma boa diversão com personagens de nossa história. E, em especial, é um brilhante trabalho de voz e atuação de Stella Miranda.”

Osmar Prado, ator



Um barco para o sonho

“São duas atuações magníficas de Mauro Mendonça e Tônia Carrero, duas aulas de teatro. A peça é comovente e, ao mesmo tempo, divertida. Vale a pena conferir!”

Isabela Garcia, atriz

Eu sou minha própria mulher

“Vi a montagem da Broadway, em Nova Iorque, e agora esta no Rio. Sei que o Edwin (Luisi) preferiu não assistir a versão americana para não se influenciar. O resultado é um trabalho muito interessante. E ele está maravilhoso.”

Guilhermina Guinle, atriz



A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, que traz reflexões sobre o certo e o errado, a tradição e a traição. Texto: Nilton Bonder. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon/Sala Marília Pêra** (R. Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui., sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.). Até 30 de setembro.

A TUBA

Baseada na obra de Lauro César Muniz, a comédia é ambientada em cidade do interior nordestino e retrata o cidadão brasileiro brincando com termos e sotaques regionais em situações cotidianas. Adaptação e direção: Mario Faini. Com Eduardo Almeida, Sílvia Carvalho e Alexandre Tevês. **Teatro Vannucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças, 19h. Quartas, 21h. R\$ 30. Até 26 de setembro.

A VOLTA DAS QUE NÃO FORAM

Homem vê a tranquilidade de seu casamento ir por água abaixo quando a esposa resolve desvendar seus mistérios. Texto: Bruno Mazzeo e Cláudio Torres Gonzaga. Direção: Anja Bittencourt. Com Raul Gazzola e elenco. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas, 2.603, Barra). Fone:

2439-8002. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30.

AS ERUDITAS

A trama que esmiúça a crueldade e a hipocrisia nas relações humanas. Texto: Molière. Direção: José Henrique Moreira. Com Jacqueline Laurence, Gláucia Rodrigues e João Camargo. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.), R\$ 40 (sex. e dom.) e R\$ 50 (sáb.). Até 5 de agosto.

ALMA S.A.

Humanos dividem o mundo com demônios competindo por suas almas. Texto e direção: Ivan Fernandes. Com Luca de Castro, Cláudio Amado, Ludmila Breitman. **Casa da Gávea** (Pça. Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30. Até 29 de julho.

AUTO DA COMPADECIDA

Texto de Ariano Suassuna sobre o julgamento de um padre, um bispo e um sacristão. Direção: Leonardo Brício. Com: André Dale, Daniela O Campo, Flora Diegues. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20. Até 5 de agosto.

AVÓS, MULHERES E COUVES PORTUGUESAS

Momentos marcantes da vida de uma imigrante portuguesa dos anos 30 aos 90. Adaptação: Joana Lebreiro e Marcelo Aouila. Direção: Joana Lebreiro. Com Suzana Saldanha, Rita Elmôr e Thais Vaz. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Terças e quartas, 20h30. R\$ 30. Até 31 de julho.

BELELE BALAIO

A literatura de Cordel através da história de Maria Muxibenta, mãe que quer casar suas três filhas. Texto e direção: Gilvan Balbino. Com Filipe Neri e elenco. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 20. Até 29 de julho.

BRINCANDO EM CIMA DAQUILO

Monólogo mostra situações, fantasias e questionamentos que representam a mulher contemporânea. Texto: Dario Fo e Franca Rame. Direção: Otávio Muller. Com Debora Bloch. **Teatro dos Quatro** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.). Até 5 de agosto.

DESESPERADAS

Psicanalista planeja seu próprio assassinato enquanto recebe em seu consul-

tório a visita inesperada de duas dondocas. Narração em *off* de Zezé Motta. Texto e Direção: Jô Bilac. Com Cristina Pereira, Tatynne Lauria, Lidiane Ribeiro, Renata Tobelem. **Teatro Vannucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Terças, 21h. R\$ 30. Até 26 de agosto.

DHRAMA - O INCRÍVEL DIÁLOGO ENTRE KRISHNA E ARJUNA

Espectáculo poético e divertido, inspirado no texto hindu Bhagavad Gita. Texto e direção: João Falcão. Com Alinne Moraes e Osvaldo Mil. **Teatro do Leblon, Sala Tônia Carrero** (R. Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-8857. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.). Até 26 de agosto.

DIÁLOGOS COM MOLLY BLOOM

Monólogo inspirado no personagem Molly Bloom, do romance "Ulisses", de James Joyce. Texto: José Sanchis Sinisterra. Direção: Andrea Beltão, Cristina Moura, Christiane Jatahy, José Sanchis Sinisterra e Gilberto Gawronski. Com Malu Galli. **Centro Cultural Banco do Brasil, Teatro III** (R. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 20h. R\$ 10. Até 26 de agosto.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

A história verdadeira do travesti Charlotte que atravessou o nazismo e o comu-

nismo na Alemanha. Texto: Dough Wright. Direção: Herson Capri e Susana Garcia. Com Edwin Luisi. **Teatro Leblon, Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (qui.), R\$ 60 (sex.) e R\$ 70 (sáb. e dom.). Até 26 de agosto.

HÁ UM HOMEM NA MINHA CASA

História de amor entre uma mulher virgem e um policial maduro. Texto: Chico Anysio e Elano de Paula. Direção: Rogério Fabiano. Com Suely Franco e Bemvindo Sequeira. **Teatro Ipanema** (R. Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 35 (qui. e sex.) e R\$ 40 (sáb. e dom.). Até 2 de setembro.

HEDDA GABLER

Considerada a última grande peça do dramaturgo norueguês Ibsen, o texto alça a mulher, pela primeira vez, ao papel de sujeito. Direção: Michel Bercovitch e Floriano Peixoto. Com Christine Fernandes, Carlos Gregório e Vera Fajardo, entre outros. **Espaço SESC** (R. Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 12. Até 12 de agosto.

IMPÉRIO

Comédia musical relembra período

da história brasileira de forma nunca contada nas escolas. Texto e direção: Miguel Falabella. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Miguel Falabella, Stella Miranda, Claudia Netto. **Teatro Carlos Gomes** (Pça. Tiradentes, s/nº, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 10.

IMPROVISÁVEIS

A interação comanda o espetáculo, no qual a platéia define, a cada noite, o tema e o título dos esquetes. Com Rafael Chasse, André Siqueira, Diego Becker, Talita Werneck e Fábio Nunes. **Teatro dos Grandes Atores, Sala Vermelha** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 23h. R\$ 24. Até 28 de julho.

INOCÊNCIA E PÂNICO

Inspirada em *Cenas de um casamento*, de Ingmar Bergman. Direção: Cris Lárin. Com Renato Carrera, Cecília Hoeltz. **Teatro Ziembinski** (R. Heitor Beltrão, s/nº, Tijuca). Fones: 2254-5399/ 2569-9071. Sexta e sábado, 20h. R\$ 6. Até 25 de agosto.

ISADORA DUNCAN

Atriz apaixonada por Isadora Duncan encontra texto sobre a bailarina e busca por produtor para encená-lo, mas esbarra em falta de patrocínio. Texto: Aguinaldo Silva. Direção: Bibi Ferrei-

ra. Com Leticia Spiller, Oscar Magrini, Marly Bueno, Anselmo Vasconcelos e Laura Proença. **Teatro Vanucci** (R. Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 21h30. R\$ 60 (sáb. e dom.), R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 30 (meia-entrada de qui. a dom.). Estréia 26 de julho.

MÁQUINA DE SONHOS

Menina cria máquina para as pessoas acreditarem em seus sonhos. Texto: Alessandra Raed. Direção: Luciano Bastos. Com a Cia. Poética de Teatro. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, nº1, Centro). Fone: 2563-4163. Segunda, 19h30. R\$ 20. Até 27 de agosto.

NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

As amarguras conjugais da mulher contemporânea. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta, 17h. Sexta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui.), R\$ 45 (sex. e dom.) e R\$ 50 (sáb.). Até 30 de setembro.

NÓS NA FITA

Esquetes em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Grandes Atores - Sala**

Azul (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 45 (sáb. e dom.). Até 29 de julho.

O ANIMAL DO TEMPO

Construção de um mundo através do discurso, da sonoridade, do ritmo e do sentido. Texto: Valère Novarina. Direção: Antonio Guedes. Com Ana Kfour. **Espaço SESC, Sala Multiuso** (R. Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 6. Até 29 de julho.

O AUTOFALANTE

Homem desempregado sofre crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho, com sua personalidade repartindo-se em milhares dele mesmo. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui.), R\$ 45 (sex. e dom.) e R\$ 50 (sáb.). Até 29 de julho.

O BAILE

Um apanhado de quatro décadas da história do Brasil, através da música e da dança. Criação: Jean-Claude Penchenat. Dramaturgia brasileira: Valdez Cardoso Gomes. Direção: José

Possi Neto. Com Tássia Camargo, Cláudio Lins. **Teatro SESC Ginástico** (R. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$ 25. Até 26 de agosto.

O RELATO ÍNTIMO DE MADAME SHAKESPEARE

Sete anos após a morte de seu marido Shakespeare, Anne Hathaway decide contar o que aconteceu entre ambos na semana de abril de 1594, em que ele completava 30 anos. Texto: *Robert Nye*. Direção e adaptação: *Emilio di Biasi*. Com Selma Egrei e Maria Manoella. **Centro Cultural Banco do Brasil, Teatro I** (R. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10.

OS SEGREDOS DE ALMERINDA

Emergente faz revelações bombásticas durante sessão de análise. Texto: André D'Lucca e José Augusto. Direção: Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães. Com André D'Lucca e Genésio Machado. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Quinta a domingo, 18h. R\$ 20 (qui. e sex.) e R\$ 30 (sáb. e dom.). Até 26 de agosto.

PENTE FINO

Cinco homens traçam planos mirabolantes durante reunião em um banheiro. Texto: Christopher Welzenbach.

Direção: Daniel Gaggini. Com Daniel Gaggini, Rafael Primo, Thiago Luciano e Munir Kanaan. **WC Masculino da Fundação Progresso** (R. dos Arcos, 24, Lapa). Fone: 2220-5070. Sexta e sábado, 21h. R\$ 20. Até 28 de julho.

POUT-POURRIR

Espectáculo em que comediantes apresentam seus tipos e piadas. Direção: Afra Gomes e Leandro Goulart. Texto e atuação: Mariana Santos, Leandro Muniz e elenco. **Teatro Cândido Mendes** (R. Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 30. Até 1º de setembro.

QUEM É QUE MANDA?

Comédia sobre solteirão que não consegue ter relacionamento duradouro com as mulheres. Texto e direção: Duda Ribeiro. Com André Falcão, Karen Junqueira, Marcela Figueira e Lúcia de Sá. **Teatro Cândido Mendes** (R. Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

RIO, E TAMBÉM POSSO CHORAR

Projeto de humor que a cada semana reúne dois humoristas de diferentes gerações, apresentando personagens e conversando com a platéia. **Casa da Gávea** (Pça. Santos Dumont, 116/ sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Terça, 21h30. R\$ 20. Até 31 de julho.

SAFARI-TERAPÊUTICO

O dia-a-dia feminino em um tratamento terapêutico. Texto e direção: Leonel Fischer. Com: Natasha Cordelino, Maria Clara Guim, Rita Fischer. **Espaço Rogério Cardoso / Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 15. Estréia 2 de agosto.

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Dois casais se perdem numa floresta povoada por sátiros, ninfas, fadas. Texto: William Shakespeare. Supervisão Geral: Cininha de Paula. Concepção: Claudia Ricart. Direção: Christian Landi e Vivian Duarte. Com alunos do *Projeto Talentos da Vez*. **Galpão Aplauso** (R. General Luiz Mendes de Moraes, 50, Santo Cristo). Fones: 2233-6648/ 2263-1372. Dias 3 e 4 de agosto. Sexta, 19h. Sábado, 16h. Entrada gratuita.

SURTO

Esquetes cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto, concepção e atuação: Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes, Wendell Bendelack (*Os Surtados*) e Renato Bavier. Direção: Cláudio Handrey e *Os Surtados*. **Teatro dos Grandes Atores - Sala Vermelha** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$

45 (sáb. e dom.). Até 5 de agosto.

TERAPIA DO RISO

O primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui. e sex.) e R\$ 35 (sáb. e dom.). Até 5 de agosto.

TUDO O QUE É TEU, É MEU

Homem chega à casa da irmã depois de anos para reparar um erro do passado. Texto: Ana Paula Botelho e Marcelo Mello. Direção: Mônica Lazar. Com Monique Curi e Genésio Machado. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 25. Estréia 2 de agosto.

UM BARCO PARA O SONHO

O relacionamento entre uma artista de circo e um médico muito tempo depois de já terem casado, tido filhos e sofrido perdas irreparáveis. Texto: Alexei Arbuzov. Direção: Carlos Artur Thiré. Com Tônia Carrero e Mauro Mendonça. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 80. Até 29 de julho.

O animal do tempo



Depois de 16 anos como diretora,
Ana Kfouri volta aos palcos como atriz

Por Janaina Medeiros

A construção de um mundo através da sonoridade, do ritmo e do sentido, pelo direito e pelo avesso, com palavras diretas, torcidas, recompostas, revividas, renovadas, descosturadas e refeitas. Este é o discurso proposto por Valère Novarina, um dos autores franceses de maior destaque no cenário teatral contemporâneo. E foi um texto seu inédito no Brasil, *O animal do tempo* – em cartaz no Espaço SESC, até 29 de julho – que Ana Kfouri escolheu para marcar sua volta aos palcos como atriz, após 16 anos fora deles.

Dirigida por Antonio Guedes, diretor da Cia Teatro do Pequeno Gesto, Ana Kfouri interpreta um João que tem vários nomes diferentes – João Cadáver, João de Espírito, João Leon, João Maquinal, João Mancada,

João Gebú, João Sem Ações, João Penúltimo, João Sem Nome – e que não pode ser rotulado como um personagem no sentido clássico. Ele é mais uma figura que, através da sua fala, dá indícios de quem seja. “A narrativa começa com ele caminhando entre túmulos, onde começa suas reflexões sobre vida e morte, o buraco e o vazio da solidão. Mas nada sob o viés psicológico. O texto me instiga como atriz e espero que instigue o público também”, conta Ana.

Jogo de palavras

“Escrevi sobre Novarina na minha dissertação de mestrado e também já dirigi um texto seu antes. É um grande desafio estar agora como atriz. É um lugar muito diferente, em que fico muito mais vulnerável”, define.

Acordes

Ana Kfouri tem feito um intenso trabalho de aquecimento e preparação vocal com Maíra Martins para dar conta do fôlego de João. Além do esforço físico que a atuação tem exigido, ela mergulhou num outro desafio. Por sugestão do seu diretor, ela começou a ter aulas de acordeon em janeiro. “Ele achou que o instrumento seria importante para o personagem, como se o João fosse um andarilho. E topei”, diz ela. Assessorada por Guilherme Maravilhas, Ana se empolgou tanto que até compôs as três músicas que toca em cena. “Mas são três músicas bem simples. Fico com o acordeon o tempo inteiro em cena. Ele é o companheiro do João nesta construção da fala”, explica Ana, que comemora 30 anos de carreira este ano.

“Adoro dirigir. Tenho dois grupos: Cia Teatral do Movimento, há 16 anos, e o Grupo Alice 118, há nove anos. Faço um pouco de tudo, produzo, crio, dirijo. Durante esse tempo precisei aprender muito e me dedicar também. Sou muito obsessiva e, por isso, nem me dei conta de que estava há tantos anos sem atuar”.

O jogo de palavras é o elemento-chave em *O animal do tempo*. Há referências lúdicas e sonoras, além de 101 palavras inventadas. O que exigiu extrema habilidade da tradutora Angela Leite Lopes – integrante da Cia

L’Acte, que traduz Valère Novarina há 10 anos e também assina a dramaturgia do espetáculo. “O grande acontecimento da criação aqui é a palavra, que é espaço, corpo, sempre reinventada, dando uma chance de nos redescobrirmos nessa representação”, define Angela. E o diretor Antonio Guedes concorda: “A mistura de palavras, de letras das palavras, de concordâncias, termos técnicos inventados, tudo isso é o trabalho de Novarina para que o espectador fique ao mesmo tempo atento e perceba que é um jogo, e que entre nele”.



FOTO: DIVULGAÇÃO

O relato íntimo de Madame Shakespeare

**Duas mulheres em uma.
A boa e a má. Sob a
direção e adaptação de
Emílio Di Biasi**

A ambigüidade de uma mulher que compartilhou a genialidade do maior autor teatral de todos os tempos. Confissões que Anne Hathaway, já viúva de William Shakespeare, teria escrito no seu diário sobre o aniversário de 30 anos do autor – e eis o

ponto de partida da peça *O relato íntimo de Madame Shakespeare*, que após uma temporada de sucesso no Centro Cultural do Banco do Brasil de São Paulo, chega ao Teatro I do CCBB do Rio no dia 26 de julho.

Dirigido e adaptado por Emílio Di Biasi a partir do romance de ficção do escritor, poeta e crítico londrino Robert Nye, o espetáculo apresenta duas atrizes interpretando os dois lados de Anne Hathaway – a boa e a má, a realista e a sonhadora, a jovem e a madura. “Li o romance com os olhos do teatro e percebi que a ambigüidade do seu diário poderia ser interpretada por duas atrizes fazendo a mesma personagem”, explica Biasi.

Redenção

Emílio Di Biasi escolheu duas experientes atrizes de diferentes gerações para a empreitada: Selma Egrei e Maria Manoella. “Fiz questão que uma atriz fosse mais madura, representando o lado mais amargo, sarcástico, realista e cruel. E outra mais jovem, mais romântica e sonhadora, na fase em que a personagem ainda defendia Shakespeare”, diz o diretor, cuja adaptação conduz à fusão das personalidades. “Aos poucos a mais velha fica menos dura e a mais nova se torna mais crítica. E, no final, elas se unem. O Robert Nye também procura uma grande redenção final das duas no livro”, diz.

No diálogo que se estabelece entre ambas, aos poucos se monta um quadro da relação entre o genial escritor e sua mulher, oito anos mais velha, e que nunca se interessou em ler uma página de sua imensa obra. “Isso é mostrado em cena. As duas acabam tomando conhecimento de alguns detalhes e

passagens, sem saber que os nomes que citam são grandes personagens. Mas pouco se sabe sobre Shakespeare e sua mulher, poucos dados biográficos sobreviveram. Todo o resto é ficção”, continua Emílio Di Biasi.

Destaque para o figurino assinado por Beth Filipecki que sublinha a contradição das personagens na maneira de se vestir. Enquanto a Anne Hathaway mais velha usa um vestido de inspiração elizabetana, bastante austero, a Anne Hathaway mais jovem veste trajes camponeses, mais despojados. “O importante da peça é que se trata do relato de uma redenção amorosa. Duas personalidades numa só. O que, aliás, acontece com todos nós. E o público se identifica muito com isso”, diz ele.

Na peixaria

Publicado na Inglaterra em 1993, o livro *Mrs. Shakespeare: The Complete Works*, de Robert Nye, foi livremente inspirado nos poucos dados biográficos de Anne Hathaway. O romance acontece sete anos após a morte de seu marido, quando ela decide contar o que aconteceu na semana de abril de 1594, em que Shakespeare completava 30 anos e a levou de Stratford-upon-Avon, onde moravam, para Londres, para comemorar a data no quarto que ele mantinha sobre uma peixaria. O produtor Alexandre Brasil decidiu transformar o livro em peça e convidou Biasi para trabalhar no projeto. Ao ser informado por Brasil sobre esta adaptação que transforma a Sra. Shakespeare em duas, Nye aprovou imediatamente. “É verdade, são duas mesmo!”.

CENA ABERTA

cena aberta

Marília
Pêra em
"Brincando
em cima
daquilo".
Teatro Senac,
1984



*Sem o apoio
de vocês, não
voaríamos
tão longe...*



*O Galpão Aplauso
agradece!*



PETROBRAS apresenta

O

CIÁ
APLAUSO em

Mambembe

de Arthur Azevedo e José Piza

em agosto



PETROBRAS



RIO

PREFEITURA

